

## A FORMAÇÃO CONTÍNUA

*A actualização necessária dos saberes e competências exige esforço e mesmo um certo grau de humildade. Devemos estar preparados para reconhecer que há muito que não sabemos e muitas competências que não temos, mas podemos adquiri-las.*

*Na vida profissional, ou até nas múltiplas actividades que compõem a nossa vida, há sempre possibilidade e espaço para melhorar - ninguém pode, em consciência, considerar-se perfeitamente realizado nas suas potencialidades - ou então, tem delas uma imagem limitada. Todos temos o dever de autoestima e de o traduzir por uma vontade de progredir e enriquecer interiormente, a caminho de uma plenitude pessoal.*

### **Chega-nos ser como somos?**

Muitas pessoas estão perfeitamente satisfeitas com o estatuto social que herdaram ou conquistaram mercê dos seus esforços, e não desejam alterá-lo; muitas outras anseiam por mais riqueza, poder ou reconhecimento público. Diferentes personalidades e temperamentos, diferentes concepções dos valores da vida, diferentes caminhos para a busca da felicidade levam as pessoas a ser mais ou menos ambiciosas, mais ou menos contentes com o que são e com o que possuem, e portanto tem comportamentos diferentes e metas diferentes a atingir. Quando não se infringem as padrões da moral e da lei, quando não se prejudicam terceiros, é a liberdade individual que compete definir essas metas e comportamentos, e não há que as julgar à luz dos nossos próprios padrões.

Não é nesse campo de valores de carácter “mundano” que se propõe aqui a questão de saber se cada um de nós está contente com aquilo que “é”, como pessoa; trata-se de reflectir sobre o que cada um de nós tem quanto a possibilidades de se melhorar em termos de qualidades profissionais, de saberes e competências, de capacidades afectivas e de relação - e sobre quantas dessas possibilidades não estão por explorar e desenvolver.

### **Podemos ser melhores!**

A preguiça é um dos pecados mortais, como ensina o catecismo.

Mas é certo que tendemos a considerar que a preguiça como uma falta de vontade para cumprir as nossas obrigações mais ou menos quotidianas, uma fuga a tarefas mais cansativas ou desinteressantes, uma tendência para a esquiva ao incomodo e a saída da rotina, uma aversão a qualquer esforço que nos é pedido, um apetite pela indolência e a tendência a adiar tarefas urgentes mas importantes. Que essas são manifestações da preguiça, é sabido.

Mas esquecemo-nos frequentemente doutra manifestação da preguiça que consiste na indolência em relação às vantagens e virtudes de um aumento do saber, uma fuga ao esforço de conhecer novas ideias, novos modos de pensar e de agir que se desenvolvem em torno de nós, um desinteresse por estar presente no meio da corrente de inovação que percorre a sociedade, um pobre contentamento com o nível de aptidões que se possui e a convicção de que não vale a pena mudá-lo.

Essa é uma das piores formas de preguiça.

E é-o porque o que está em causa não é o cumprimento de uma ou outra tarefa prosaica ou utilitária, ou o desempenho a contragosto de qualquer obrigação menor; o que está em causa é a própria qualidade pessoal, é a construção do nosso “ser” adulto, responsável e pleno. E essa é a mais importante e vital das tarefas.

### **Pode sempre ser-se melhor**

Não escasseiam à nossa volta exemplos dessa preguiça, em todas as níveis e grupos da sociedade, e mostrando os seus efeitos perversos: o professor universitário que, uma vez conseguido o doutoramento, deixa completamente de investigar para aumentar o acervo de conhecimentos e transmiti-lo aos seus alunos, está a degradar as capacidades que demonstrou, não se procurando actualizar continuamente; a técnica ou o artífice que, tendo aprendido a sua tecnicidade ou ofício uma vez, a considera suficiente para sempre e não sente qualquer impulso para aprender novos métodos e adquirir nova e renovada eficácia; o gestor ou administrador que acha que o que sabe lhe chega, porque não está interessado em competir com outros que tragam novas competências e desconfia delas; o comerciante que fixado nas suas rotinas e hábitos, recusa reconhecer os desafios que novas formas do mundo comercial comportam; o empresário que, instalado num ritmo e num horizonte empresarial que conhece, não se prepara para enfrentar transformações no seu sector que o ameaçam, e recusa reconhecê-las - todos estes são exemplos de uma “preguiça” que se manifesta por não assumir a necessidade de uma formação contínua.

Noutro volume desta coleção há referências concretas as modalidades e meios hoje disponíveis para a formação contínua em termos profissionais, e convém conhecê-las.

Mas antes de tudo é importante assumir e compreender a sua necessidade.

É importante que os educadores façam ver aos jovens que a aprendizagem dos saberes, perante as transformações por que passa a sociedade nos seus meios de produzir, de estabelecer relacionamentos e enfrentar a complexidade do mundo moderno, passam pela aprendizagem contínua, a “aprendizagem ao longo da vida” como agora é designada de maneira mais correcta.

Ao longo da vida! Ao longo da vida e não numa fase inicial, única e definitiva.

A personalidade, o “ser” humano com toda a sua potencial riqueza, constrói-se ao longo de toda a vida, momento a momento. E se abundam os exemplos de “preguiça” na exploração dessa potencial riqueza, não faltam também exemplos dados por pessoas admiráveis que, mesmo em idades avançadas, não deixam de enriquecer a sua vida com novas experiências, novos estudos e um permanente desejo de saber e de melhoramento das suas aptidões.

E são esses exemplos os que devem ser dados à juventude, para que se prepare também para uma diligente “aprendizagem ao longo da vida”.